

O Livro de Joel e A Igreja Adventista do Sétimo Dia Laodiceana - Número Vinte e Cinco

Jeff Pippenger

2026-01-11

Número vinte e cinco

O livro de Joel confronta a liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana com o testemunho de sua rebelião crescente ao longo de quatro gerações. Essas quatro gerações também são ilustradas no capítulo oito de Ezequiel, onde os vinte e cinco homens daquela quarta geração se prostram ao sol. Em 1901, 13 anos após a rebelião de 1888, a Igreja Adventista organizou um comitê para liderar a igreja.

O Comitê Executivo da Associação Geral foi estabelecido durante a grande reorganização na Sessão da Associação Geral de 1901, e era composto por 25 membros. Isso representou uma expansão significativa em relação ao comitê anterior a 1901, que tinha apenas 13 membros. O número de membros aumentou ao longo dos anos, mas Jesus sempre identifica o fim com o início. No início, eram 25 membros, com um como líder, traçando um paralelo com um turno no santuário, que consistia de 24 sacerdotes e um sumo sacerdote.

Judas e o Sinédrio são dois símbolos de rebelião no tempo de Cristo. O Sinédrio representa a igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana. A participação do Sinédrio na crucificação de Cristo tipifica o papel do Adventismo na crise da lei dominical. O Sinédrio — o supremo conselho judaico em Jerusalém, composto por principais sacerdotes, anciãos e escribas, presidido pelo sumo sacerdote Caifás — desempenhou um papel central nos acontecimentos que levaram à morte de Jesus.

Após a prisão de Jesus no Getsêmani (orquestrada com a traição de Judas), ele foi levado diante do Sinédrio à noite, na casa de Caifás. Procuraram depoimentos para condená-lo, apresentando testemunhas que o acusavam de blasfêmia e insurreição.

Quando Caifás perguntou diretamente a Jesus se ele era o Messias (ou Filho de Deus), a resposta afirmativa de Jesus, "Tu o disseste", levou o sumo sacerdote a declarar: "Blasfêmia!" O conselho condenou-o como digno de morte. Como não tinham autoridade, sob o domínio romano, para executar penas capitais, entregaram Jesus a Pôncio Pilatos, o governador romano, acusando-o de sedição para garantir uma execução romana. A crucificação propriamente dita foi realizada por soldados romanos por ordem de Pilatos, mas somente depois que Pilatos cedeu à pressão dos principais sacerdotes e de uma multidão (que exigia a morte de Jesus e a libertação de Barrabás).

Quando Cristo esteve na terra, o mundo preferiu Barrabás. E hoje o mundo e as igrejas estão fazendo a mesma escolha. As cenas da traição, da rejeição e da crucificação de Cristo têm sido repetidas e voltarão a ser repetidas em escala imensa. As pessoas se encherão dos atributos do inimigo, e com eles seus enganos terão grande poder. Na mesma medida em que a luz foi rejeitada, haverá equívoco e incompreensão. Os que rejeitam a Cristo e escolhem Barrabás agem sob um engano ruinoso. A deturpação e o falso testemunho crescerão até se tornarem

aberta rebelião. Se o olho é mau, todo o corpo estará cheio de trevas. Os que entregam seus afetos a qualquer líder que não seja Cristo achar-se-ão sob o controle, corpo, alma e espírito, de uma fascinação tão hipnotizante que, sob seu poder, as almas se desviam de ouvir a verdade para crer na mentira. Eles são enredados e apanhados e, por seus atos, clamam: Soltai-nos Barrabás, mas crucificai a Cristo.

"Mesmo agora essa decisão está sendo tomada. As cenas encenadas na cruz estão sendo reençadas. Nas igrejas que se desviaram da verdade e da justiça, está sendo revelado o que a natureza humana pode fazer e fará quando o amor de Deus não é um princípio permanente na alma. Não precisamos nos surpreender com nada que possa ocorrer agora. Não precisamos nos maravilhar com quaisquer manifestações de horror. Aqueles que pisoteiam a lei de Deus com seus pés profanos têm o mesmo espírito que tinham os homens que insultaram e traíram Jesus. Sem qualquer remorso de consciência, farão as obras de seu pai, o diabo. Farão a pergunta que saiu dos lábios traiçoeiros de Judas: Que me dareis se eu vos entregar Jesus, o Cristo? Mesmo agora Cristo está sendo traído na pessoa de seus santos." Review and Herald, 30 de janeiro de 1900.

Se a passagem realmente significa o que diz, então aqueles que estavam sendo identificados como “escolhendo Barrabás” não conseguirão entender o que a passagem ensina. Essas pessoas são as de 2 Tessalonicenses que recebem um poderoso engano, porque não amaram a verdade. Ela diz, acerca dos que escolhem Barrabás: “Os que entregam seus afetos a qualquer líder que não seja Cristo se verão sob o controle, de corpo, alma e espírito, de uma fascinação tão arrebatadora que, sob seu poder, as almas se desviam de ouvir a verdade para crer numa mentira.” Os que estão escolhendo Barrabás estão sob o controle de Satanás antes do marco da cruz e da lei dominical. Nessa condição, eles não podem de modo algum entender o que a passagem ensina. Portanto, sugerirão que: “as condições em que a Irmã White escreveu essas palavras eram para aquela história peculiar, não para agora.” Talvez digam: “Ela está falando sobre o cristianismo de forma genérica, e isso não se aplica diretamente aos Adventistas do Sétimo Dia.” Balela.

É claro que as circunstâncias históricas em que a Irmã White escreveu aquelas palavras eram, na verdade, um comentário sobre sua história pessoal, mas, assim como com João no Apocalipse, quando a um profeta se ordena que escreva, ordena-se que escreva “as coisas que viste, as coisas que são e as coisas que hão de ser doravante.” Quando um profeta registra as coisas que são, está simultaneamente registrando as coisas que serão.

A liderança do Adventismo é representada pelos 25 homens de Ezequiel, que também estão profeticamente alinhados com os 250 homens que se colocaram ao lado de Corá, Datã e Abirão. De modo igualmente significativo, os rebeldes de 1888 e a Conferência Geral de Minneapolis foram identificados pela Irmã White como repetindo a rebelião de Corá, Datã e Abirão. A Irmã White ensina diretamente que, quando o anjo de Apocalipse 18 descer e iluminar a terra com a sua glória, começa a chuva serôdia.

“A chuva serôdia há de cair sobre o povo de Deus. Um anjo poderoso há de descer do céu, e toda a terra há de ser iluminada com a sua glória.” Review and Herald, 21 de abril de 1891.

A Irmã White ensina diretamente que o anjo de Apocalipse 18 desceu na Conferência Geral de 1888 com as mensagens de A. T. Jones e E. J. Waggoner. Quando estava na Conferência, ela ficou tão perturbada com a rebelião que decidiu arrumar suas coisas e ir embora, mas um anjo lhe disse que devia ficar e registrar a história, pois era uma repetição da rebelião de Corá. Por que o anjo quis que isso fosse registrado, se não fosse para servir de testemunho nos últimos dias? Se é um testemunho para os últimos dias, que outra coisa poderia significar senão que a igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana seguirá os passos do Sinédrio durante a crise da lei dominical, e particularmente a história que a antecede.

A mensagem de Jones e Waggoner foi representada como a "mensagem da justificação pela fé, em verdade", a "mensagem laodicense", a "mensagem da justiça de Cristo" e a "mensagem do terceiro anjo". Os rebeldes resistiram à mensagem e também rejeitaram a orientação do Espírito de Profecia e os mensageiros escolhidos do encontro. A irmã White também ensina que, quando os grandes edifícios da cidade de Nova York forem derrubados, por um toque do poder de Deus, então Apocalipse 18:1-3 se cumprirá. Desde 11 de setembro, a liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia laodicense tem repetido a rebelião de Coré, a rebelião dos 25 homens anciãos, a rebelião da liderança em 1888 e a rebelião do Sinédrio no período que antecedeu a cruz. Aqueles 25 homens são um símbolo de um sacerdócio levítico falso.

Um levita tinha 25 anos quando começou a servir.

E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Isto é o que pertence aos levitas: dos vinte e cinco anos para cima, entrarão para exercer o serviço do tabernáculo da congregação; e aos cinquenta anos deixarão de exercer esse serviço e não servirão mais; mas ministrarão com seus irmãos no tabernáculo da congregação, para guardar o encargo, e não farão serviço algum. Assim farás aos levitas no tocante ao seu encargo. Números 8:23-26.

Um levita inicia seu serviço aos vinte e cinco anos e serve por vinte e cinco anos, até os cinquenta. O Mensageiro da Aliança, em Malaquias 3, está expurgando e também purificando os levitas por ocasião da lei dominical, como Ele fez em 22 de outubro de 1844.

Eis que enviarei o meu mensageiro, e ele preparará o caminho diante de mim; e o Senhor, a quem vós buscais, virá de repente ao seu templo, o mensageiro da aliança, em quem vós vos deleitais; eis que ele vem, diz o Senhor dos Exércitos.

Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda? E quem ficará de pé quando ele aparecer? Pois ele é como o fogo do refinador e como o sabão dos lavandeiros. Ele se assentará como refinador e purificador de prata, e purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e prata, para que ofereçam ao Senhor uma oferta em justiça. Então a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias antigos e como nos primeiros anos. Malaquias 3:1-4.

O número "25" como símbolo representa não apenas um levita fiel, mas um levita falso. "25" como símbolo, portanto, identifica a separação de duas classes de adoradores, sejam elas virgens prudentes e insensatas, ovelhas e bodes, trigo e joio. O número vinte e cinco é um símbolo não apenas de um levita, mas, igualmente importante, é um símbolo da separação (purificação) dos levitas. Essa separação ocorre na lei dominical e é um tema principal da Palavra profética de Deus.

É apropriado que Mateus capítulo vinte e cinco seja simplesmente uma continuação da profecia de Jesus sobre o fim do mundo em Mateus vinte e quatro.

E Jesus saiu e se retirou do templo; e seus discípulos aproximaram-se dele para lhe mostrar os edifícios do templo. E Jesus lhes disse: Não vedes todas estas coisas? Em verdade vos digo: não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada. Mateus 24:1, 2.

Quando Jesus saiu do templo, Ele nunca mais voltou. Nos versículos finais do capítulo vinte e três, Jesus havia pronunciado julgamento sobre o Sinédrio, e o julgamento é expresso como "oito" ais, assim falsificando as oito almas na arca, o oitavo dia da circuncisão, o oitavo dia da ressurreição, as oito gerações de Abraão, 430 anos e adiante. O número "oito" falso alinha-se com o levita falso.

Em verdade vos digo: todas estas coisas hão de vir sobre esta geração.

Ó Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu quis reunir teus filhos, como a galinha reúne seus pintinhos debaixo das asas, e vocês não quiseram! Eis que a casa de vocês é deixada deserta.

Pois eu vos digo: não me vereis doravante, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor. Mateus 23:36-39.

Mateus, capítulo vinte e dois, conclui com uma ilustração de como os ímpios são atados em feixes e com a interação final entre Cristo e os judeus contenciosos. Em seguida, no capítulo vinte e quatro, Ele deixa o templo pela última vez, encerrando Sua obra em favor do antigo Israel. O capítulo termina onde começou, com a declaração de que a casa deles lhes foi deixada vazia, e aquilo que Ele chamou de casa de Seu Pai quando purificou o templo pela primeira vez era agora a casa judaica vazia.

No capítulo 24, Jesus vai responder a perguntas sobre o templo e sua destruição iminente. A destruição ocorreria naquela mesma geração, que era uma geração de víboras. Ele deixou aquele templo para nunca mais voltar; portanto, as predições que apresenta dizem respeito a Israel espiritual, não a Israel literal. Quando Cristo deixa o templo, que é a igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana, como fez com o antigo Israel, simultaneamente o templo humano dos cento e quarenta e quatro mil será unido ao templo divino por toda a eternidade. Quando Jesus deixou o templo do antigo Israel, Ele repudiou seu antigo povo da aliança por toda a eternidade.

O trecho do capítulo onze ao capítulo vinte e dois de Mateus é o ômega da linha que vai do capítulo onze ao vinte e dois no livro de Gênesis. Quando essa linha começa em Gênesis onze, ela também marca o início de Babel e da aliança de morte de Babel, que atinge seu cumprimento ômega em Apocalipse capítulo dezessete, versículo onze, o versículo que é o centro exato dos versículos que compõem os capítulos onze a vinte e dois. Na metade dos capítulos onze a vinte e dois em Gênesis, Mateus e Apocalipse, enfatiza-se o estandarte ou o estandarte falsificado. Em Gênesis, foi a circuncisão; em Mateus, foi Pedro e a Rocha sobre a qual Cristo edificaria a sua igreja; e em Apocalipse, foi a besta falsificada que era e é e há de ascender, que é o oitavo, que é dos sete, e que então é casada com o dragão.

Onze e vinte e dois são símbolos que identificam a combinação da Divindade com a humanidade, que é precisamente a questão representada por Cristo ao escrever Sua lei em nossos corações e mentes. 11 e 22 são símbolos da aliança dos cento e quarenta e quatro mil. Em Mateus, capítulo vinte e três, o falso sacerdócio recebeu oito aís; ao mesmo tempo, o verdadeiro sacerdócio é ungido. Os sacerdotes foram consagrados por sete dias e, no oitavo dia, começaram a servir.

Não é por acaso que os sete dias de consagração dos sacerdotes, que levaram ao início do seu serviço no oitavo dia, começam em Números capítulo oito, versículo um, pois "81" é um símbolo dos sacerdotes.

E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Toma Arão e seus filhos com ele, e as vestes, e o óleo da unção, e um novilho para a oferta pelo pecado, e dois carneiros, e um cesto de pães ázimos; e ajunta toda a congregação à porta do tabernáculo da congregação. E Moisés fez como o Senhor lhe ordenara; e a assembleia se reuniu à porta do tabernáculo da congregação. E Moisés disse à congregação: Isto é o que o Senhor ordenou que se fizesse. ...

E não saíreis da porta do tabernáculo da congregação por sete dias, até que se cumpram os dias da vossa consagração; porque por sete dias vos consagrará. Como se fez hoje, assim o Senhor ordenou que se fizesse, para fazer expiação por vós. Portanto, ficareis à porta do tabernáculo da congregação, dia e noite, por sete dias, e guardareis a ordenança do Senhor, para que não morrais; pois assim me foi ordenado. Assim Arão e seus filhos fizeram todas as coisas que o Senhor ordenara por mão de Moisés. E aconteceu que, ao oitavo dia, Moisés chamou Arão e seus filhos, e os anciãos de Israel; E disse a Arão: Toma para ti um bezerro para oferta pelo pecado, e um carneiro para holocausto, sem defeito, e oferece-os perante o Senhor. ... E Moisés disse: Isto é o que o Senhor ordenou que façais; e a glória do Senhor vos aparecerá. ... E Arão levantou a mão para o povo e o abençoou, e desceu depois de oferecer a oferta pelo pecado, e o holocausto, e as ofertas pacíficas. E Moisés e Arão entraram no tabernáculo da congregação, e saíram, e abençoaram o povo; e a glória do Senhor apareceu a todo o povo. Então saiu fogo de diante do Senhor e consumiu sobre o altar o holocausto e a gordura; ao verem isso, todos gritaram e caíram sobre os seus rostos. Levítico 8:1-5, 33-36; 9:1, 2, 6, 22-24.

O capítulo vinte e três identifica os levitas falsos, que são revelados no momento em que os levitas verdadeiros são selados. O capítulo vinte e dois de Mateus termina sem que mais ninguém fizesse perguntas a Jesus; então, no capítulo vinte e três, ele apresenta os oito aís, indicando que o período de prova do Sinédrio estava encerrado e que o juízo executivo então começaria. No capítulo vinte e quatro, Ele identifica o templo como a casa dos judeus. É importante observar a sequência nos capítulos.

Os capítulos de Mateus, do onze ao vinte e dois, identificam a conclusão do selamento dos cento e quarenta e quatro mil no contexto da aliança de Deus com um povo escolhido. O simbolismo de Palmoni do alfa no capítulo onze, e Seu simbolismo do ômega no capítulo vinte e dois, acrescentam à narrativa desses capítulos.

O capítulo vinte e três é a expiação, a combinação do Divino com o humano, como representado pelo número vinte e três. Mas o capítulo fala do juízo executivo do joio, do sacerdócio falso e dos

levitas falsos. Todo sacerdote era levita, mas nem todo levita era sacerdote. Entre os descendentes de Levi, apenas a linhagem de Arão estava apta ao sacerdócio. A Bíblia indica que os levitas começavam a servir aos vinte e cinco anos, mas os filhos de Coate serviam aos trinta.

E o Senhor falou a Moisés e a Arão, dizendo: Fazei o recenseamento dos filhos de Coate, dentre os filhos de Levi, segundo as suas famílias, pelas casas de seus pais; da idade de trinta anos para cima, até cinquenta anos, todo aquele que entrar no serviço, para realizar o trabalho no tabernáculo da congregação. Números 4:1-3.

O número "30" representa os sacerdotes que estavam na linhagem de sangue de Coate, que era filho de Levi, e o filho de Coate era Anrão, que foi o pai de Arão. Levi significa "apegado ou unido a Deus". Coate significa "reunido ao redor de Sua presença". Anrão significa "povo exaltado", e Arão significa "portador da luz ou mediador exaltado". Juntos, eles traçam um movimento do Mar Vermelho ao Sinai, tipificando assim a aliança entre Deus e os cento e quarenta e quatro mil, que são o templo humano que se une ao templo divino, quando Cristo estende Sua mão pela segunda vez para ajuntar Seu povo remanescente em Seu santuário, onde então Ele os eleva e os exalta, ao serem iluminados com o Sumo Sacerdote Celestial, como Ele iluminou Sadraque, Mesaque e Abede-Nego.

O número "30" representa um período de preparação para os sacerdotes, e o "25", como a idade dos levitas, deve ser aplicado ao 30, linha sobre linha, pois todo sacerdote era levita, mas nem todo levita era sacerdote. Trinta representa o período de preparação que começou em 1989, no tempo do fim, e termina na lei dominical nos Estados Unidos. O número vinte e cinco, como símbolo dos levitas, é também o símbolo de separação entre duas classes e, em relação aos sacerdotes, identifica uma separação. Vinte e cinco marca a separação dos levitas e dos levitas falsos na lei dominical e, no contexto dos verdadeiros sacerdotes e dos verdadeiros levitas, também cria uma distinção, embora não uma separação negativa, como no caso dos levitas falsos.

Coate foi um dos três principais ramos dos levitas (junto com Gérson e Merari). A linhagem sacerdotal veio especificamente por meio de Arão, descendente de Coate. Arão é descendente de Levi na quarta geração, e o privilégio sacerdotal foi restrito aos seus descendentes masculinos dentro deste ramo coatita. Os coatitas como um todo (todos os descendentes de Coate) tinham a honra de transportar os objetos mais sagrados, mas somente a linhagem de Arão podia de fato desempenhar as funções sacerdotais no altar e no santuário. Arão representa a mesma quarta geração que os "velhos" de Joel, ou os "homens antigos" em Ezequiel capítulo oito, que se prostram perante o sol.

O sistema de 24 turnos rotativos (divisões) para os sacerdotes (e, de modo semelhante, para os levitas não sacerdotais em funções de apoio, como músicos e porteiros) foi estabelecido pelo rei Davi. Davi organizou os descendentes de Arão em 24 turnos (divisões) para servirem em revezamento (1 Crônicas 24:1-19). Davi, com a ajuda dos sacerdotes Zadoque (da linhagem de Eleazar) e Aimeleque (da linhagem de Itamar), dividiu-os em 24 grupos (16 da família mais numerosa de Eleazar e 8 da de Itamar). Foram lançadas sortes para determinar a ordem do serviço.

Cada turno servia por uma semana (de sábado a sábado), duas vezes por ano, além de todos os turnos servirem juntos durante as grandes festas (Páscoa, Pentecostes, Tabernáculos). Davi organizou de modo semelhante os levitas não sacerdotes em 24 turnos para música, guarda das portas, etc. (1 Crônicas 23–26). Esse sistema foi implementado sob Salomão (2 Crônicas 8:14) e continuou durante o período do Segundo Templo. Zacarias, pai de João Batista, pertencia ao turno de Abias — Lucas 1:5; 1 Crônicas 24:10. A ordem dos 24 turnos de sacerdotes foi determinada por sorteio, e Zacarias estava no turno de Abias, que, dentre os vinte e quatro turnos, correspondia ao "oitavo" turno. Zacarias significa "Deus se lembra", e o nome de seu pai, Abias, significa "Deus é meu pai".

O Pai celestial lembrou-se de sua promessa de levantar um mensageiro que prepararia o caminho para o Messias. Mas Zacarias também se alinha com a lei dominical, pois é ali que o sábado, o dia que os homens deveriam sempre recordar, torna-se a prova final. Zacarias representa um sacerdote, do turno de Abias, que é o "oitavo" turno. Zacarias não crê na mensagem do anjo e fica mudo até o nascimento de seu filho João. Quando João nasce, Zacarias entra na discussão sobre o nome de João e então fala. A fala profética dos últimos dias é quando os Estados Unidos falam como um dragão.

E aconteceu que, ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino; e queriam chamá-lo Zacarias, segundo o nome de seu pai. Mas sua mãe, respondendo, disse: Não; porém será chamado João. E disseram-lhe: Não há entre os teus parentes quem se chame por este nome. E fizeram sinais a seu pai, para saber como queria que ele se chamasse. E ele pediu uma tabuinha e escreveu, dizendo: O nome dele é João. E todos se maravilharam. E imediatamente se lhe abriu a boca, soltou-se-lhe a língua, e falou, louvando a Deus. Lucas 1:59-64.

João Batista é do oitavo turno de Abias, como era seu pai. Na circuncisão de João, no oitavo dia, seu nome é mudado. João Batista representa aqueles que são sacerdotes, da quarta geração, que estão em aliança com Deus, que lhes muda o nome (de Laodiceia para Filadélfia) e os sela com o sinal da aliança, quando os Estados Unidos falam como um dragão.

Nós somos o templo de Deus. As passagens proféticas que se dirigem ao templo falam a homens e mulheres como indivíduos, e também coletivamente, pois a igreja de Deus também é um templo. E, claro, há um templo celestial, e é Cristo quem edifica o templo do Senhor. É Ele quem lança o fundamento e coloca a pedra de remate sobre o templo. Quanto ao número "25" como símbolo, 25 representa os levitas, que são purgados (separados) dos levitas falsos em Malaquias capítulo três, e que também são purificados na mesma passagem. Em Ezequiel, capítulos 40 a 48, é descrito um templo simbólico em grande detalhe. A água da vida sai daquele templo e enche a terra.

Maravilhosa é a obra que Deus se propõe realizar por meio de Seus servos, para que Seu nome seja glorificado. Deus fez de José uma fonte de vida para a nação egípcia. Por meio de José, a vida de todo aquele povo foi preservada. Por meio de Daniel, Deus salvou a vida de todos os sábios da Babilônia. E esses livramentos foram como lições ilustrativas; ilustravam ao povo as bênçãos espirituais que lhes eram oferecidas por meio da ligação com o Deus a quem José e Daniel adoravam. Assim, por meio de Seu povo hoje, Deus deseja trazer bênçãos ao mundo. Todo obreiro em cujo coração Cristo habita, todo aquele que manifestar Seu amor ao mundo, é

cooperador com Deus para a bênção da humanidade. À medida que recebe do Salvador graça para transmitir a outros, de todo o seu ser flui a corrente de vida espiritual. Cristo veio como o Grande Médico para curar as feridas que o pecado fez na família humana; e Seu Espírito, atuando por meio de Seus servos, comunica aos seres humanos enfermos pelo pecado e sofredores um poderoso poder curador, eficaz para o corpo e a alma. “Naquele dia”, dizem as Escrituras, “haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para o pecado e para a impureza.” Zacarias 13:1. As águas desta fonte contêm propriedades medicinais que curarão tanto as enfermidades físicas quanto as espirituais.

"Desta fonte flui o poderoso rio visto na visão de Ezequiel. 'Estas águas saem para a terra do oriente, descem ao deserto e entram no mar; e, sendo levadas ao mar, as águas serão saradas. E acontecerá que todo ser vivente que se move, por onde quer que os rios chegarem, viverá... E, junto ao rio, à sua margem, de um lado e do outro, crescerão todas as árvores para alimento, cujas folhas não murcharão, nem o seu fruto se acabará; dará novos frutos segundo os seus meses, porque as suas águas saem do santuário; e o seu fruto será para alimento, e a sua folha, para remédio.' Ezequiel 47:8-12." Testemunhos, volume 6, 227.

O templo de Ezequiel é um simbolismo profético da mais alta ordem, e a João foi ordenado, no capítulo onze do Apocalipse, que medisse o templo, mas que deixasse de fora o átrio. Quando fazemos exatamente isso com o templo de Ezequiel, descobrimos que os dois números mais proeminentes nas dimensões do templo representam o sacerdócio. 50 côvados é o número mais proeminente, e repete-se 11 vezes como o comprimento total de cada complexo de portas (Ezequiel 40:15, 21, 25, 29, 33, 36, etc.). 50 também é usado para certos comprimentos de paredes e câmaras (42:7-8). Ele define a passagem completa da porta, do umbral exterior ao interior.

25 côvados é claramente o segundo mais proeminente. É repetido 10 vezes como a amplitude e a largura dos complexos de portões (Ezequiel 40:13, 21, 25, 29, 30, 33, 36). Combinados, 50 e 25 formam padrões retangulares consistentes de 50 por 25 para os seis portões principais. Essa combinação de 50 por 25 domina a descrição arquitetônica dos portões que conduzem às áreas internas. Não há outro par que se repita com tal frequência sistemática na própria construção do templo.

Os levitas entravam no serviço ativo aos 25 anos (Números 8:24: "a partir de vinte e cinco anos de idade em diante, entrarão para desempenhar o serviço"). Serviam até os 50 anos (Números 4:3, 39, 43; 8:25: "até cinquenta anos de idade"). Isso perfaz exatamente 25 anos de serviço ativo (50 - 25 = 25).

Assim, o período de 25 anos do serviço levítico reflete-se diretamente nas medidas de 25 por 50 côvados que predominam nos portões e na estrutura do templo — o próprio lugar onde os levitas serviam. As dimensões principais do templo de Ezequiel — isto é, o templo da igreja triunfante e dos cento e quarenta e quatro mil — estão projetadas arquitetonicamente no próprio templo onde deviam servir; EXATAMENTE como os quarenta e seis cromossomos estão incorporados ao próprio templo onde o povo de Deus deve servir. Palmoni após Sua assinatura ao templo humano individual e ao templo do corpo coletivo que há de ser Sua noiva.

Continuaremos estas linhas no próximo artigo.

Aqueles que estão em cargos de responsabilidade não devem converter-se aos princípios autoindulgentes e extravagantes do mundo, pois não podem se dar a esse luxo; e, se pudessem, princípios semelhantes aos de Cristo não o permitiriam. É preciso oferecer instrução de muitas maneiras. 'A quem ele ensinará o conhecimento? e a quem fará entender a doutrina? aos desmamados do leite e retirados dos seios. Porque é preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; linha sobre linha, linha sobre linha; um pouco aqui, um pouco ali.' Assim, a palavra do Senhor deve ser pacientemente apresentada às crianças e mantida diante delas por pais que creem na palavra de Deus. 'Porque por lábios gaguejantes e por outra língua falará a este povo. A quem disse: Este é o descanso com que podeis dar descanso ao cansado; e este é o refrigério; contudo não quiseram ouvir. Mas a palavra do Senhor lhes foi preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; linha sobre linha, linha sobre linha; um pouco aqui, um pouco ali; para que fossem e caíssem para trás, e se quebrassem, e se enlaçassem, e fossem presos.' Por quê? Porque não atenderam à palavra do Senhor que lhes veio.

Isso se refere àqueles que não receberam instrução, mas acalentaram a própria sabedoria e escolheram agir por conta própria segundo suas próprias ideias. O Senhor os põe à prova, para que tomem posição para seguir o Seu conselho, ou recusem e façam segundo suas próprias ideias, e então o Senhor os entregará à consequência certa. Em todos os nossos caminhos, em todo o nosso serviço a Deus, Ele nos diz: 'Dá-Me o teu coração.' É o espírito submisso e ensinável que Deus deseja. O que dá à oração a sua excelência é o fato de brotar de um coração amoroso e obediente.

“Deus requer certas coisas de Seu povo; se disserem: Não entregarei meu coração para fazer esta coisa, o Senhor os deixa prosseguir em seu suposto juízo sábio, sem a sabedoria celestial, até que esta escritura [Isaías 28:13] se cumpra. Não deveis dizer: Seguirei a orientação do Senhor até certo ponto que esteja em harmonia com o meu juízo, e então me apegarei às minhas próprias ideias, recusando-me a ser moldado segundo a semelhança do Senhor. Que se faça a pergunta: Esta é a vontade do Senhor? e não: Esta é a opinião ou o juízo de--?”
Testemunhos aos Ministros, 419.